

AS METÁFORAS DO LEMBRAR EM A
REPÚBLICA DOS SONHOS DE NÉLIDA PIÑÓN

Cristina Maria da Silva

en

Nélida Piñón
en la república de los sueños

Ascensión Rivas Hernández (Ed.)



Ediciones Universidad
Salamanca

ASCENSIÓN RIVAS HERNÁNDEZ es Catedrática de Teoría de la Literatura y Literatura Comparada en la Universidad de Salamanca, donde ejerce como profesora desde 1990. Ha publicado más de 150 artículos sobre Teoría, Crítica y Literatura Comparada en revistas especializadas, y es autora de más de una veintena de libros, entre ellos *Lecturas del «Quijote» (siglos XVII-XIX)* (1998), *Pío Baroja: Aspectos de la técnica narrativa* (1998), *De la Poética a la Teoría de la Literatura* (2005), *El bien y el mal de las ciencias humanas* (2005), *Mujeres barojianas* (2017) o *La poética de Lorenzo de Zamora: una apología de la literatura secular* (2020). Desde 2008 colabora con el Centro de Estudios Brasileños de la Universidad de Salamanca, donde ha dirigido varios proyectos sobre literatura brasileña y su interpretación en España. Fruto de este trabajo son numerosas obras, entre ellas *El oficio de escribir: Entre Machado de Assis y Nélida Piñon* (2010), *Un clásico fuera de casa. Nuevas miradas sobre Machado de Assis* (2011), *João Cabral de Melo Neto. Poeta en la encrucijada* (2012), *Jorge Amado, relectura en su centenario* (2013), *Manuel Bandeira en Pasárgada* (2015), *João Guimarães Rosa: Un exiliado del lenguaje común* (2017) y *Ferreira Gullar. Poesía, arte, pensamiento* (2019).

Desde 2013 ejerce la crítica literaria en *El Cultural* del diario *El Mundo*.

NÉLIDA PIÑÓN
EN LA REPÚBLICA DE LOS SUEÑOS

AS METÁFORAS DO LEMBRAR EM *A REPÚBLICA*
DOS SONHOS DE NÉLIDA PIÑON

Cristina Maria da Silva

en

Nélida Piñon
en la república de los sueños

Ascensión Rivas Hernández (Ed.)



Ediciones Universidad
Salamanca

ET CAETERA, 53

© Ediciones Universidad de Salamanca
y los autores

1ª edición: abril, 2021

ISBN 978-84-1311-325-8 (POD) / Depósito legal: S 112-2021
978-84-1311-326-5 (PDF)
978-84-1311-327-2 (ePub)

Ediciones Universidad de Salamanca
<http://www.eusal.es>
eusal@usal.es

Impreso en España-Printed in Spain

Maquetación, impresión y encuadernación:
GRÁFICAS LOPE
C/ Laguna Grande, 2, Polígono «El Montalvo II»
www.graficaslope.com
37008 Salamanca (España)

*Todos los derechos reservados.
Ni la totalidad ni parte de este libro
puede reproducirse ni transmitirse sin permiso escrito de
Ediciones Universidad de Salamanca*

Obra sometida a proceso de evaluación mediante sistema de doble ciego
Ediciones Universidad de Salamanca es miembro de la UNE
Unión de Editoriales Universitarias Españolas
www.une.es



CEP. Servicio de Bibliotecas

NÉLIDA Piñón en la república de los sueños / Ascensión Rivas Hernández (ed.).
—1ª edición: abril, 2021.—Salamanca : Ediciones Universidad de Salamanca, [2021]
170 páginas.—(Et caetera ; 53)

Textos en español y portugués, con abstracts en español, portugués e inglés
DL S 112-2021.—ISBN 978-84-1311-325-8 (POD).— ISBN 978-84-1311-326-5 (PDF).
—ISBN 978-84-1311-327-2 (ePub)

1. Piñón, Nélida—Crítica e interpretación. I. Rivas Hernández, Ascensión, editor, autor.
821.134.3(81) Piñón, Nélida1.07

Índice¹

ASCENSIÓN RIVAS HERNÁNDEZ. Cosmovisión de Nélide Piñon.....	9
NÉLIDA PIÑON. A voz secreta da narrativa.....	15
DOMÍCIO PROENÇA FILHO. A inquieta ficção de Nélide Piñon.....	25
ANTONIO MAURA. Las dilatadas Españas de Nélide Piñon.....	37
MARIA INÊS DE MORAES MARRECO. A inquestionável estatura intelectual de Nélide Piñon.....	47
BEATRIZ WEIGERT. Nélide Piñon: a palavra da mulher.....	57
ANA LÚCIA TREVISAN Y REGINA HELENA PIRES DE BRITO. Voces en diálogos identitários: un análisis de los cuentos de <i>O calor das coisas</i> , de Nélide Piñon.....	67
CRISTINA MARIA DA SILVA. As metáforas do lembrar em <i>A república dos sonhos</i> de Nélide Piñon.....	79
MARIA DA CONCEIÇÃO OLIVEIRA GUIMARÃES. Eulália, a rebelde «distráida» em <i>A república dos sonhos</i> de Nélide Piñon.....	89
MARÍA ISABEL LÓPEZ MARTÍNEZ. Nélide Piñon ante los géneros fragmentarios.....	101
ASCENSIÓN RIVAS HERNÁNDEZ. Historias que no cesan de narrar. Intertextualidad en <i>La camisa del marido</i>	113
CID OTTONI BYLAARDT. Nélide e Machado: um cruzamento sedutor de sistemas simbólicos.....	127
REJANE QUEIROZ. A condição feminina nos contos «I love my husband», de Nélide Piñon, e «Amor», de Clarice Lispector.....	137

¹ Este libro se inscribe en las actividades del GIR «ELBA» (Estudios de Literatura Brasileña Avanzados) que dirige Ascensión Rivas en la Universidad de Salamanca.

MARIA ALICE SABAINI DE SOUZA MILANI. A identidade revisitada em «A imitação da rosa» e «Adamastor».....	149
M. CARMEN VILLARINO PARDO. Posición autoral y repertorio(s) en el campo literario brasileño: Nélida Piñon y <i>O calor das coisas</i> (1980).....	159

AS METÁFORAS DO LEMBRAR EM *A REPÚBLICA DOS SONHOS* DE NÉLIDA PIÑON

Cristina Maria da Silva

Departamento de Ciências Sociais -UFCE

À Marielle Franco e Dilma Rousseff, femininas como a res publica.

RESUMO: É recente a obra literária ser vista não como algo feito com ideias, silêncios, beleza e sentimentos, mas como linguagem (Foucault). Leio *A república dos sonhos* (1984) como um romance da vida social, mergulhado em signos nas metáforas das águas, da casa e do corpo. Os personagens Eulália e Madruga são levados pelas memórias à Galiza, em lembranças esmaecidas quase sem cor pela distância com o tempo. Na cadeira de balanço ele vaga para além-mar. Ela absorve nas contas do terço ou no cheiro dos círios acessos. A escala afetiva oscila entre vivos e mortos. A terra distante e o solo onde se pisa são movidos pelas lembranças na escrita de Piñon. O próprio mar que atravessam se converte em memória (Assmann).

PALAVRAS-CHAVE: Espaços da Recordação, Literatura Brasileira, Romance.

«LAS METÁFORAS DEL RECUERDO EN *A REPÚBLICA DOS SONHOS*
DE NÉLIDA PIÑON»

RESUMEN: Es reciente la observación de la obra literaria no como algo que se hace con ideas, silencios, belleza y sentimientos, sino como lenguaje (Foucault). En el artículo se ha leído *A república dos sonhos* (1984) como una novela de la vida social, impregnada de signos en las metáforas del agua, del hogar y del cuerpo. Los personajes de Eulália y Madruga son transportados por los recuerdos de Galicia, recuerdos desvaídos por la distancia y el tiempo. Madruga desde su silla viaja más allá del mar. Eulália se absorbe mientras reza el rosario, con el olor de las velas encendidas. La escala afectiva cambia entre los vivos y los muertos. Entre la tierra lejana y el suelo donde él camina se mueven los recuerdos en la escritura de Piñon. Sus pensamientos se mezclan con el mar y se convierten en memoria (Assmann).

PALABRAS CLAVE: Espacios de recuerdo, Literatura brasileña, Novela.

«THE METAPHORS OF REMEMBERING IN NÉLIDA PIÑÓN'S
A REPÚBLICA DOS SONHOS»

ABSTRACT: Viewing literary work as language (Foucault), rather than as something made with ideas, silences, beauty and feelings, can be seen as a rather recent development. I read *A república dos sonhos* (1984) as a novel of social life, steeped in signs in the metaphors of water, house, and body. The characters Eulália and Madruga are carried by memories to Galicia, in almost colorless memories faded by distance over time. In the rocking chair he wanders overseas. She is engrossed in the beads of the rosary or in the smell of the burning candles. The affective scale oscillates between the living and the dead. The distant land and the ground under one's feet are moved by the memories in Piñón's writing. The very sea they cross becomes memory (Assmann).

KEYWORDS: Spaces of Remembrance, Brazilian Literature, Romance.

Não se pode conviver intensamente com dois países mortíferos como o Brasil e a Espanha. Você terá que abrandar um deles dentro da alma.

Nélida Piñón, 2015: 195.

QUAL É O LUGAR DOS SONHOS? Quanto dos sonhos a literatura consegue narrar? É recente a obra literária ser vista não como algo feito com ideias, silêncios, beleza e sentimentos, mas como linguagem. Signos não isolados, mas parte de uma rede de signos onde se vinculam a outros signos sociais: linguísticos, econômicos, religiosos, culturais (Foucault, 2001). A literatura aciona os enredos da cultura para dispor suas configurações de outra maneira, ou para nos tornar visíveis como se montaram diante de nós. Nas palavras de Foucault, a literatura se faz com linguagem e os signos que ela aciona não estão isolados de como a sociedade se constrói.

Leio *A república dos sonhos* de Nélida Piñón, tendo em vista o que sua escrita evoca da formação e entrecruzamentos da cultura brasileira com a cultura galega, porém como ela dialoga com o imaginário e as memórias, fazendo com que seu texto seja um espaço propício para refletirmos os *Espaços da Recordação*, ou seja, como as lembranças se abrigam em nós e como elas ampliam a própria história.

A literatura aciona em nós uma linguagem do avesso. Ela nos apresenta de outro modo os signos que estão presentes na vida social e nos amarram a realidade coletiva. Ela não quer dizer nada a não ser seu próprio agenciamento, sua fábula entre a repetição e o vazio. Desse modo, podemos pensar: quais os signos que são dispostos na obra de Nélida Piñón? Quais os modos de recordar a cultura galega e a cultura brasileira? O que ela recupera desses encontros migrantes? A nosso ver, o lugar da cultura brasileira como projeto político é paisagem em toda a obra. As águas dos rios e do mar, os corpos e suas bravuras e envelhecimentos, os rastros da memória são signos do próprio país que se torna texto, com suas rasuras, desvios e incertezas. Retomando Michel Foucault:

A literatura é apenas a reconfiguração, vertical, de signos que são dados na sociedade, na cultura, em camadas separadas. A literatura não se constitui a partir do silêncio. A literatura não é o inefável de um silêncio, a efusão daquilo que não pode ser dito e que jamais se dirá. A literatura, na realidade, só existe na medida em que não se deixou de falar, de fazer circular signos. É porque existem signos em torno dela, é porque isso fala, que algo como um literato pode falar. (2001: 167)

A escrita literária não meramente significa, ela evoca realidades. Ela aciona metáforas. O que é uma metáfora? Do grego *metapherein*, é a troca de lugar, a possibilidade da transferência. Meta = sobre, além; Pherein – levar, transportar. Podemos lembrar aqui do poeta Fernando Pessoa, quando através de Bernardo Soares nos diz que «Há metáforas que são mais reais do que a gente que anda na rua», e continua:

Há imagens nos recantos de livros que vivem mais nitidamente que muito homem e muita mulher. Há frases literárias que têm uma individualidade absolutamente humana. Passos de parágrafos meus há que me arrefecem de pavor, tão nitidamente gente, eu os sinto tão recortados de encontros aos muros do meu quarto, na noite, na sombra. Tenho escrito frases cujo som, lidas alto ou baixo – é impossível oculta-lhes o som – é absolutamente o de uma coisa que ganhou exterioridade absoluta e alma inteiramente. (Pessoa, 2006: 158)

As palavras e as imagens acionadas pela literatura nos transportam para outros enredos, outras realidades possíveis, coloca-nos diante de questões não antes imaginadas. A caligrafia ganha vida, transporta-nos para outros lugares, tece-nos em outros corpos, em outros modos de existir. Desse modo, é importante lembrar do que nos diz Deleuze que «escrever nada tem a ver com significar, mas com agrimesar, cartografar, mesmo que sejam regiões por vir (Deleuze, 2011: 19). Nélide Piñon cartografa em palavras, num sentido arqueológico, os territórios da cultura brasileira e seus estre cruzamentos com a cultura galega, recuperando na sua gênese suas relações de conflito e harmonia no encontro com o Outro, ou com tantos outros. Faz-nos visitar o passado e nos mostra na atualidade da leitura presente, como muitos dos nossos impasses políticos estão presentes em nosso processo histórico e no mal-estar entre o que desejamos e o que somos coletivamente. Como lembra Venâncio: «É sempre uma classe inteira que trai uma nação» (Piñon, 2015: 311). Uma frase que contorna a ficção e salta para a realidade com uma atualidade espantosa.

A literatura de Nélide Piñon toma a escrita como uma casa e os sentimentos difusos de conforto e mal estar por habitá-la, estar longe dela ou estar exilado, estar perto e se sentir deslocado. A escrita encarna o mesmo sentimento de ter ou não ter um lugar. Para os estrangeiros, os fora de lugar ou imigrantes, a língua é a casa onde nunca é possível morar. Madruga precisou «simular familiaridade com a língua portuguesa, a ponto de entrosar fala e sentimento, sem os cindir, mesmo sob o tumulto das emoções» (Piñon, 2015: 91-92).

1. TECENDO A REPÚBLICA DOS SONHOS

Eulália e Madruga são levados pelas memórias à Galiza, em lembranças esmaecidas quase sem cor pela distância com o tempo em que lá estiveram. Na cadeira de balanço Madruga vaga para além-mar. Ela é seu barco à deriva. Eulália absorva nas contas do terço ou no cheiro dos círios acessos. A escala afetiva de Eulália se define mais pelo contato com seus mortos, que como num teatro vagam a sua frente assustando-a menos do que os vivos. Movidos pelas lembranças o próprio mar se converte em memória, é o que lemos em Nélide Piñon. A neta Breta é a garantia de que as memórias não se perderão, sobreviverão em narrativas. «Como a conquista de uma língua podia fazer-se apenas pelo afeto, sem a mediação dos estudos e de um empenho profundo?» (Piñon, 2015: 171), indaga Madruga, olhando a neta com desenvoltura com o galego e caminhando por sua cultura. Breta ouve as histórias e pisa as montanhas de Sobreira na Galiza para arrancar as lendas das árvores. Ela própria encarna a nova terra e suas contradições e exílios. O personagem afirma:

Como adivinhar-lhe os anseios? Facilmente eu confundia a neta com o Brasil, tornando-a a ponte que cruzar sempre que fosse às entranhas do país. Encarnava ela, a cada dia, o amor que sentia pela terra escolhida para morrer. (Piñon, 2015: 172)

Os espaços da recordação são evocados ou acionados através das «metáforas da recordação», que são: a escrita, a imagem, o corpo e os lugares, se tomamos como referência o trabalho de Aleida Assmann (2011: 161). Sua reflexão nos auxilia a pensar nos movimentos de Nélide Piñon, pois vemos se esboçar em sua escrita: as diversas imagens (papéis, cartas, livros, retratos, ossos, fotografias, caixas e flores secas), como acervos da memória; o corpo e sua força, mas também seus desgastes e sua finitude; bem como os lugares: as montanhas e caminhos de Sobreira, a travessia dos mares, o Rio de Janeiro e as travessias outra vez pelos mares, os exílios entre o presente e o passado, imaginando ou forjando um futuro. As imagens, o corpo e os lugares compõem a caligrafia da existência por onde transitam os personagens, mas também onde nós pensamos na extensão do corpo social, do país e seus dilemas como Nação. «Logo depois de perderem a Galícia, ambos dedicaram-se a recolher as provas de que haviam de fato chegado ao Brasil. Não viviam em outro lugar, senão ali» (Piñon, 2015: 703.).

Madruga carrega o mal-estar do pai. Aquele a quem se tem amor, porém também aquele do qual se tenta escapar, por ser ele aquele que pune. Guardar lembranças do passado ou expurgá-las? O mesmo sentimento da Nação encarnado nesse homem? Madruga encarna as próprias contradições do país. O encontro com os imigrantes, como também com o passado colonizador e dizimador de narrativas, porém ao mesmo tempo, a possibilidade de compreensão, por conta desse mesmo encontro.

Nas palavras e no desespero da filha Esperança lemos:

O que o senhor sabe da minha vida ou da minha dignidade? Vamos, o que sabe do meu prazer ou do meu combate? O senhor sempre quis me dominar por eu ser mulher, e como tal lhe devendo irrestrita obediência. Mas eu não nasci para obedecer ou ser submissa. Quero uma vida límpida, agônica, como seja, mas minha. Quero caminhar pelos meus próprios pés lacerados, sangrando, altivos. O senhor, pai, veio para a América com o mesmo espírito dos conquistadores, ávidos por punir os índios e as mulheres, mesmo as mulheres brancas. Puni-las com um sexo submisso, destinado unicamente a parir – Esperança rugia ferida. (Piñon, *Ibidem*: 676)

Madrugá é o pai, ao qual se quer devorar a herança, conhecer os segredos, vasculhar carnes e ossos para compreender. Mas ele é o pai perseguido pela memória dos retratos dos filhos, ou do quão opostos são aos seus sonhos de conquista da América. No caso de Esperança, ele arranca, literalmente, seus retratos das molduras de prata, trazidas de Portugal, mas com fúria, joga-os no chão:

só para ter o gosto de pisá-los com seus sapatos. E fazia-os girar com o calcanhar, de modo não só a rasgá-los, como a demonstrar a Esperança ou a quem mais fosse, que ela devia afasta-se de casa. Já não pertencia àquela família. (Piñon, 2015: 622)

Madrugá sabia que os filhos, seus herdeiros estavam no encaço da sua morte. Contudo:

Aquietou-o pensar que Breta zelaria pelos seus pertences. Herdeira dos papéis, cartas, livros e retratos. Interditava em definitivo o acesso da família às suas memórias. Ninguém deveria tocar ou roçar as suas lembranças. Breta estava encarregada de separar o material, queimando o que lhe aprouvesse. Não se sentindo obrigada a arquivar o que merecia o lixo. A vida de um homem termina nele. [...] Madrugá não se iludia. Após sua morte, morreria a cada norte dos amigos. E ainda, quando os netos não mais lhe pronunciassem o nome. E se calasse a última voz a invocá-lo. Sua memória se estenderia enquanto Breta vivesse. (Piñon, 2015: 76)

Breta foi o nome escolhido por Esperança para agradecer ao pai, em alusão à Bretanha, «uma das últimas regiões celtas que ainda resta» (Piñon, 2015: 706). Ela escritora e guardiã dos objetos, memórias e narrativas da família de Madrugá, é quem ele espera que até as pontas do destino e de algum modo esclareça os caminhos de seus destinos:

Se não fosse escritora, avô, ia ser uma criatura errante. Dessas que perambulam pelas estradas, sem pouso certo. Tocando com os pés cada palmo do Brasil. Só assim, conheceria de perto a miséria e a credulidade desses rostos anônimos, espalhados nessas lonjuras. (Piñon, 2015: 665)

Como narradores os personagens dessa república de sonhos colhem rastros (Benjamin, 2009; Ginzburg, 1989) e restos (Gagnebin, 2006) da existência

(quando *existere* nada mais é do que *sair de si*). Tecem pontes e portas por onde se deslocam entre o passado, o presente e o futuro. A cada capítulo ressoam alternadas as vozes do passado com Madruga ou a escrita de Breta, reordenando as narrativas herdadas. Madruga afirma:

Mal consigo lembrar a minha aldeia. Tenho dela vagas lembranças. Apenas se destacam alguns carvalhos velhos, e ainda os telhados, que vistos do monte reverberam quando das chuvas de novembro. (Piñon, 2015: 665)

Madruga leva a língua portuguesa «na boca e no coração. Só a vontade férrea alimentara-lhe o espírito indómito e selvagem» (Piñon, 2015: 80). Para que nada lhe fosse estranho, recusava-se mesmo a falar o castelhano ou mesmo o galego. Sabia Madruga que a condição do estrangeiro para ganhar a vida passava por dolorosas amputações, como a perda da alma e da língua (Piñon, 2015: 91). Como também um total desconhecimento por parte dos outros, mesmo dos filhos sobre as origens do seu passado e de seus ancestrais.

O narrador lida com o que não tem nome, com o sofrimento, com os rastros deixados pelo outro e com os restos e os acúmulos do vivido que latejam na memória, através das lembranças, dos objetos e do que eles grafam das experiências. Os rastros e os restos possibilitam interligarmos os fios da memória com a história. «Há muito os objetos vinham lhe pesando. E, depois, queimar retratos, documentos, bilhetes, era a tarefa inadiável dos sobreviventes, pensou com certa angústia» (Piñon, 2015: 38). Madruga impregna em si, os vazios daquele que sai em busca do próprio destino: «ao encontro de uma terra arrastando a memória da outra» (Piñon, 2015: 53).

A escrita de Nélida aqui é a mediação, suporte da memória (Assmann, 2011), evocando o que perpassa a alma desse narrador viajante e o que sobrevive em sua memória. Ainda que, esse seja um território movediço, «mesmo sabendo que as traças terminam por devorar as linhas do sonho, nada restando desta cartografia imaginária. Nem mesmo a memória» (Piñon, 2015: 66). «A escrita como metáfora da memória é tão indispensável e sugestiva quanto extraviadora e imperfeita» (Assmann, 2011: 166). Ela é uma das formas de luta contra a morte social, contra o esquecimento. Nélida é Breta inscrevendo na escrita um mundo de oralidades. Ambas lidam com os restos das memórias, as «marcas cronológicas», os «acidentes geográficos», as histórias por mais longínquas que elas estejam.

O barco é também o meio, o que liga as duas terras pelas quais transitam os corpos, os pensamentos e as memórias de Madruga. É o que liga o território sonhado, o vivido e o lembrado. É relevante pensar o que simboliza a criação dos navios:

A invenção do navio é muito exaltada, pois ele leva riquezas e mercadorias de um lugar para o outro e integra socialmente as regiões mais remotas, pelo desfrute mútuo de seus respectivos produtos; ora, mais ainda cabe louvar as letras! Assim como os navios também elas cruzam os grandes mares e conectam tempos longínquos em intercâmbios de saber, iluminação e invenções. (Francis Bacon apud Assmann, 2011: 210)

Além de conectar tempos e ser ponte entre os saberes humanos, lembra Foucault, da grande reserva de imaginação que se esconde atrás desse signo:

o barco foi, para nossa civilização - pelo menos desde o século XVI - ao mesmo tempo, o maior instrumento econômico e nossa maior reserva de imaginação. O navio é a heterotopia por excelência. Civilizações sem barcos são como crianças cujos pais não tivessem uma grande cama na qual pudessem brincar; seus sonhos então se desvanecem, a espionagem substitui a aventura, e truculência dos policiais, a beleza ensolarada dos corsários. (Foucault, 2013: 30)

Apesar das travessias para «fazer a América», a viagem parece sempre inconclusa. As idas e vindas parecem sempre atualizar as indagações. O território parece nunca totalmente alcançado e arredio aos pés. As grafias da vida marcam os corpos, o tempo marca a alma. Sendo essa tomada pelos movimentos sempre flutuantes das memórias. Quem eu era antes de atravessar esses mares, o que me tornei e o que somos agora? Parecem indagações que ressoam em torno de Madruga. Sua família se torna seu território na América, nela se fixou no tempo como uma fotografia na parede, visivelmente envelhecida, oscilando entre o movimento e a captura do instante, apesar da moldura dourada. É o território seguro, todavia é dos filhos que também vêm as inquietações e questionamentos. Ao fitar essa fotografia, Breta se põe em diálogo com ela:

A superfície, de cor ligeiramente sépia, parecia oscilar como se houvesse, atrás de cada personagem, uma realidade contrária àquela visível a todos. Enquanto eu a olhava, também ela ia questionando o meu direito de atribuir-lhe verdades que seus participantes desconheciam.

Não havia naqueles rostos convulsões, gestos dramáticos. Ou mesmo a sequência de uma história. Antes de posar para o fotógrafo, tiveram o cuidado de esvaziar seus rostos de qualquer aflição. De modo a transmitir uma polidez que não ferisse o observador. Tinham por objetivo simplesmente economizar uma verdade, que talvez não se repartisse por igual pelos membros da família. (Piñon, 2015: 210)

2. TERRITÓRIOS DA RECORDAÇÃO

O mar é a minha memória. [...] sempre lancei no Atlântico as minhas lembranças.
(Piñon, 2015: 34).

Os personagens de Nélide Piñon estão entre memórias buscando um lugar entre o passado, o presente e o futuro. A casa aparece como território das recordações. Parece o lugar nunca alcançado, apesar da casa próxima ao mar para dar a sensação de proximidade com a terra de origem.

Madruga exclama ao filho Miguel: «O que está havendo em casa?» pergunta o pai. O filho responde: «- na minha ou na sua?» Madruga responde: «Enquanto eu viver, existirá uma só casa. A minha, a que você e os seus filhos estão sujeitos» (Piñon, 2015: 704).

Eulália é a casa, seu corpo lança por entre as pernas os filhos no mundo, mas é no seu corpo que se aninham os conflitos familiares e onde buscam o afago, tanto os filhos como mesmo Madruga e Venâncio em suas desavenças e trajetórias tão distintas no «fazer a América». O corpo de Eulália é onde se desençam-se os conflitos ou onde eles se intensificam. Eulália «tinha o poder de desviar o rumo das intrigas prestes a enlaçá-los» (2015: 35). Por isso, o grande medo de Madruga de perdê-la, a mulher como a própria República e ideário de país, era o lugar onde havia alguma garantia de afago. Quando ela percebe que está morrendo, Madruga se vê expulso de seus sonhos e rezas, já não vê nela lugar para si, e exclama:

Vamos, Eulália, fale de uma vez com quem vai ficar a minha história? E para onde vão seguir os sonhos, que tanto prezas? Acaso existiria um só mortal autorizado a recolher as histórias dos mortos enterrados à sombra de árvores sem memória? (Piñon, 2015: 43)

Também vemos Madruga e mesmo Venâncio a fitarem a paisagem em busca do que eram e por compreender o que se tornaram, atualizando os solos que pisaram e o que deles ainda não se esmaeceu no turvo fluxo das lembranças. O mar sempre ao alcance do olhar pelas janelas das casas onde moram. Ou o rio de Sobreira, que podia ser visto da janela do quarto e onde mergulhavam nos dias em que o sol não os queria deixar (Piñon, 2015, p. 45). Assim, a «geografia estava onde as pernas alcançassem» (Piñon, 2015: 172). Os filhos brasileiros são a casa que Madruga vinha construindo na América. O fato é que de tanto interligar as histórias dos dois países, já não mais as distinguia» (Piñon, 2015: 119). Além disso, reconhece que o único modo de os filhos se unirem é perceberem «que nada valem suas histórias isoladamente. E que elas só têm sentido, ou serão um dia contadas, mediante a presença de todos enriquecendo esta saga» (Piñon, 2015: 665).

Todavia, Nélide Piñon se aproxima também das simbologias em torno das águas do mar em Fernando Pessoa, em seu *Livro do Desassossego*. Madruga olha o Atlântico para da varanda atentar sobre as variações das marés (Piñon, 2015, p. 32). «Unicamente o oceano é capaz de nos roubar e igualmente nos devolver a visão descomunal da realidade» (Piñon, 2015: 35). Para Madruga não é diferente:

A cadeira de balanço, de uso exclusivo de Madruga, fazia-o sentir-se nunca barco à deriva. Os movimentos pendulares, mas acelerados, tumultuavam-lhe os pensamentos. Forçando-o a refletir sobre a morte, quando ainda preferia explicar a vida. Sobretudo, afiar a memória, e deixá-la de herança para Breta. (Piñon, 2015: 33)

Em Fernando Pessoa, através de Bernardo Soares, o ajudante de guarda-livros na cidade de Lisboa, encontramos a exclamação: «Que mares soam em nós, na noite de sermos, pelas praias que nos sentimos nos alagamentos da emoção! [...] como também uma sensação da vida como «uma náusea vaga»,

e «quando se sente de mais, o Tejo é Atlântico sem número...» (Pessoa, 2006: 115; 131). O personagem é um navegador no desconhecimento de si mesmo. A relação com as águas, doces e salgadas perpassam as narrativas ibéricas. Elas são paisagens e passagens nos caminhos, misturam-se às sensações de perda e encontro, mas também de saudades e *la morriña*. Madruga, já sabia através do tio, que o ajuda a partir, que para os galegos o mar não serve, só o Oceano. «De preferência o Atlântico, nosso vizinho» (Piñon, 2015: 52).

A escrita de Nélida Piñon é política e atual. O caminho percorrido é feito de história, entretanto também de memória. Compreender quem somos para saber o que queremos e para onde estamos indo. Talvez uma proposta ainda viva tanto para nós brasileiros como para os espanhóis. Todos nós, migrantes, mais do que nunca viajantes em busca de nós mesmos e de um território democrático e de convivência das diferenças. Sua literatura nos leva a pensar o quanto precisamos ouvir as narrativas dos que somos, lançarmo-nos ainda em alto mar, fazer travessias, revisitar memórias e, sobretudo, acender os rastros da história, como testemunhas do passado, mas como construtores do presente. Sobreviver e narrar. Personagens, pessoas e países, frente e verso da história e memórias que não se inscrevem numa só bandeira e atravessam um oceano.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Assmann, Aleida. (2011). *Espaços da Recordação*. Formas de transformação da memória cultural. Campinas, SP: Editora da Unicamp.
- Benjamin, Walter. (2009). *As Passagens*. Belo Horizonte: Editora UFMG; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo.
- Deleuze, Gilles. (2011). *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Vol. 1. São Paulo: Editora 34.
- Foucault, Michel. (2001). «Linguagem e literatura». In: Roberto Machado. *Foucault, a filosofia e a literatura*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- (2013). *O Corpo Utópico. As Heterotopias*. São Paulo: n-1 Edições.
- Gagnebin, Jeanne Marie. (2006). *Lembrar Escrever Esquecer*. São Paulo: Ed. 34.
- Ginzburg, Carlo. (1989). «Sinais: raízes de um paradigma indiciário». In: *Mitos, Emblemas e Sinais*. Morfologia e história. São Paulo: Companhia das Letras.
- Piñon, Nélida. (2015). *A república dos sonhos*. Rio de Janeiro: Record.
- Pessoa, Fernando. (2006). *Livro do Desassossego*. Lisboa: Assírio & Alvim.

La obra literaria de Nérida Piñon se asienta sobre tres pilares fundamentales: su país, sus orígenes españoles y la escritura en sí. Brasil y España conforman los dos polos geográficos entre los que se desarrolla la visión nelidiana del mundo en general («Desde la más tierna infancia he sentido los efectos de la doble cultura. Destinada a reivindicar el mundo desde un punto de vista doble», dirá) y de la literatura en particular, mientras escribir es para la autora el modo de relacionarse con el mundo y un instrumento que le permite explicarse a sí misma. Como reflejo de esta necesidad de ser interpretada en esa multiplicidad de facetas, en este libro se recogen todas las dimensiones de la cosmovisión nelidiana. Para ello se reúnen algunas de las ponencias y comunicaciones que se presentaron en el I Congreso Internacional de Literatura Brasileña «Nérida Piñon en la República de los sueños», que se celebró en la Universidad de Salamanca en noviembre de 2018. Conforman estas páginas los trabajos de algunos de los brasileñistas más importantes a ambos lados del Atlántico: Domício Proença, Antonio Maura, María Isabel López Martínez, Carmen Villarino o Ascensión Rivas Hernández. En el libro se recogen, además, las investigaciones de estudiosos pertenecientes a diferentes universidades brasileñas, muchos de ellos desde una perspectiva comparatista. Algunos de estos trabajos hacen un examen general de la obra de la autora; otros abordan aspectos sobre el feminismo en su narrativa o analizan sus personajes femeninos; en otros se estudian las relaciones entre los dos espacios geográficos vitales de Nérida Piñon, Galicia y Brasil. Mención especial requiere el capítulo reservado a la propia autora en el que se recoge su intervención en la clausura del Congreso. En su discurso, Piñon analiza *La república de los sueños* y lanza una mirada cómplice hacia sus personajes deteniéndose particularmente en la figura del emigrante y reflexionando sobre el dolor que implica el abandono del país de origen.

O I Congresso Internacional de Literatura Brasileira:
 No dia 11 de maio de 2018, a Universidade de Salamanca realizou o seu primeiro encontro de estudos brasileiros no ano de 2018, que se realizou no âmbito do curso de Letras e da Pós-graduação em Letras e Línguas, com o apoio da Universidade de Salamanca e do Centro de Estudos Brasileños.

O encontro teve como objetivo principal a apresentação de trabalhos científicos produzidos por pesquisadores brasileiros e estrangeiros, bem como a realização de debates e discussões sobre temas relevantes da atualidade literária e cultural brasileira.

Com o intuito de promover o conhecimento mútuo entre os participantes e a troca de experiências, foi organizado um programa de visitas guiadas e atividades culturais durante o período do congresso.

O evento foi realizado com o apoio da Universidade de Salamanca e do Centro de Estudos Brasileños, com a participação de pesquisadores de diversas instituições acadêmicas e culturais.

O encontro foi muito proveitoso e enriquecedor, permitindo aos participantes conhecerem de perto a atualidade literária e cultural brasileira, bem como estabelecer novas parcerias e colaborações para futuras pesquisas e projetos acadêmicos.

O evento foi realizado com o apoio da Universidade de Salamanca e do Centro de Estudos Brasileños, com a participação de pesquisadores de diversas instituições acadêmicas e culturais.

O encontro foi muito proveitoso e enriquecedor, permitindo aos participantes conhecerem de perto a atualidade literária e cultural brasileira, bem como estabelecer novas parcerias e colaborações para futuras pesquisas e projetos acadêmicos.

